



CULTURA MATERIAL ESCOLAR NA PARAHYBA DO NORTE (1822-1889): CIRCULAÇÃO DE LIVROS, COMPÊNDIOS E ARTEFATOS ESCOLARES.

MADAY DE SOUZA MORAIS*

CLÁUDIA ENGLER CURY*

1. Introdução

Este artigo intenta veicular alguns dos primeiros resultados obtidos na primeira fase de pesquisa do projeto intitulado “Circulação de livros, compêndios e artefatos escolares na Parahyba do Norte do Oitocentos”, que retrata parte do que compreendemos¹ por Cultura Material Escolar no espaço paraibano do dezenove.

Salientamos que dependendo do *lôcus* (social, econômico, político e cultural), a c.m.e. vai se apresentar de uma maneira específica - no nosso caso, a província paraibana. Considerando dessa forma, Castro (2011), afirma que dependendo do recorte ambiental, a cultura material escolar se manifestará de uma forma peculiar.

Chamamos atenção igualmente para o processo de construção do “conceito”² de cultura material escolar (c.m.e.)³, como também as suas conexões com outros conceitos primordiais, como o de cultura material e o de cultura escolar.

Além de um percurso bibliográfico com intuítos comparativos, tivemos contato com a documentação oficial - coletada pelo Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO) e os jornais paraibanos do período imperial⁴. Na documentação os

* Aluna Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista de Iniciação Científica /CNPQ.

* Professora orientadora, Associada I do Departamento de História e membro dos Programas de Pós Graduação em História (PPGH) e em Educação (PPGE), ambos na UFPB.

¹ Inferimos acerca da ideia de Cultura Material Escolar uma amplitude de elementos que se deslocam do interior da escola e atinge o exterior (e vice-versa), entre as diversas práticas e os diversos sujeitos na construção do universo educacional oitocentista. Isto é, tomando como âmago a Paraíba Oitocentista, em ângulos de estrutura física citamos os espaços escolares (como casas alugadas e espaços religiosos “reservados” à instrução) e as instituições (destinadas ao ensino/cadeiras de 1^{as} letras distribuídas ao longo da província e o ensino secundário através do Lyceu Provincial); os materiais propostos e/ou adotados sejam na exploração do método para o ensino e formação da “boa sociedade” (como livros/compêndios, cadernos, lousas/pedras, lápis, penas, tinta preta, cola, tesoura, mesas/bancos, cadeiras, globo, atlas, tabuada, régua, instrumentos musicais, imagens de Cristo, palmatória) ou nas atividades que transitavam ou eram extra sala (como papel – inglês, francês, de seda, de cor, pautado, etc - jarra, campainha, cabides para os chapéus, os vestuários para as “escolas internas”, os *objetos utensílios de cosinha e refeitório*, o relógio, entre outros). Apesar destas cisões, o presente trabalho está focado no plano dos artefatos, objetos ou utensílios escolares.

² Podemos dizer que considerável parte da historiografia sobre cultura material escolar indica certa ausência de consenso entre os pesquisadores e suas dificuldades em se trabalhar com o mesmo.

³ Utilizamos também nesse texto essa abreviação para nos referirmos à cultura material escolar.

⁴ Tendo como referência o trabalho desenvolvido por Thiago Oliveira de Souza (membro do GHENO), que compilou os jornais paraibanos do período imperial (A Opinião, A Regeneração, A União Liberal, Arauto Parahybano, Diário da Parahyba, Gazeta da Paraíba, Jornal da Paraíba, Imprensa, O Despertador, O Imparcial e

primeiros registros encontrados sobre artefatos datam da década de 1834. Inserimos assim, os anos iniciais do período imperial na tentativa de apreender a inserção desta temática na instrução oitocentista.

2. Discutindo os conceitos

Nossa base teórico-metodológica esteve vinculada aos debates da História Cultural e da amplitude bibliográfica da História da Educação, buscando sempre que possível estabelecer nexos com estudos e pesquisas desenvolvidas para outras províncias do império brasileiro, como por exemplo: Maranhão, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais.

Reflexões acerca do conceito de cultura material

Nossas leituras sobre o conceito de cultura material estiveram amparadas na “História da Cultura Material” de Jean-Marie Pesez (1978). A trajetória deste conceito encontra-se amplamente interligada ao aparato arqueológico. Reconhecemos igualmente seus nexos com as discussões a respeito do materialismo histórico e do estruturalismo, com as quais, para melhor compreensão, também galgamos passos introdutórios de leitura.

Falar de cultura envolve outras noções conceituais, como por exemplo, *civilização*⁵. O homem e suas produções em sociedade frente às condições sociais impostas (ou não) iriam formar suas relações. Os simbolismos, as representações, os mitos e diversos outros fatores participariam da construção deste ‘fenômeno cultural’. As fontes materiais entrariam em jogo para o campo da investigação, onde os materiais caracterizam e/ou dão forma às relações sociais, a vida cotidiana (além das atitudes psicológicas, ideológicas e as “estruturas” políticas e socioeconômicas).

O autor indica que a cultura material muitas vezes esteve elencada a um *bazar histórico* que servisse como um cardápio de curiosidades ou até mesmo aos limites técnicos, e suas potencialidades estéticas. Entretanto, com o processo de dilatação do discernimento a respeito das fontes e os trabalhos que ascendem a recortes onde a escrita não granjeou espaço, os objetos e utensílios ingressaram para o diagnóstico dos pensamentos e ações entre os

O Publicador) disponíveis nos arquivos públicos da cidade de João Pessoa (como o Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP e a Fundação José Américo), no que concerne a temática da instrução pública. O recorte temporal (a partir dos meados do XIX) e a escolha de cada jornal enunciado nesse artigo foram inventariados a partir do trabalho já citado nesta nota de rodapé e do desenvolvimento da pesquisa, respectivamente.

⁵ Não nos aprofundaremos em tal conceito. Queremos apenas trazer à tona a dependência/ligação do mesmo ao tema em questão.

sujeitos e seus espaços. “(...) através dos objectos, é o homem que é posto em causa” (PESEZ, 1978, p. 136).

O mesmo autor complementa suas ideias citando, Henri Dunajewski, que realizou uma classificação com quatro elementos da cultura material, quais sejam: os meios de trabalho, os objetos, a experiência do homem (técnicas) e a utilização dos produtos. Jerzy Kutczyski, outro autor também mencionado no presente texto, acrescentaria à classificação mencionada anteriormente outros elementos, como a natureza, o homem e os produtos/produção. Ainda, segundo Pesez (1978), a Etnologia, a Antropologia, a Ergologia, a Geografia, a Biologia seriam áreas que podem e devem contribuir para a configuração do conceito de cultura material.

Caminhamos dessa forma, à procura de examinar as passagens, estadias e especificidades da c.m.e. paraibana oitocentista, que foram e estão sendo apreendidas no decorrer da pesquisa a que se vincula a produção deste artigo; pois a mesma se apresenta “ainda descontínua no tempo e no espaço” (PESEZ, 1978, p. 126). Contudo, isso não significa sua imprecisão, e sim que a mesma possui uma dinâmica de espaço própria.

Reflexões acerca do conceito de cultura escolar

O termo cultura por si só já abrange uma série de discussões e ambiguidades, entre o universal e o específico, o local e o nacional. É um conjunto imenso que agrega normas, valores, formas de pensamento, ideias, etc. Esse sistema (cultural), aqui compreendido no âmbito escolar, permeia também sobre o campo das tradições e dos processos sociais, econômicos e políticos que se entrelaçaram ao cotidiano educativo.

Para o plano da Cultura Escolar nos respaldamos nas concepções abaixo:

(...) relativo à forma e aos procedimentos teóricos e metodológicos de produção do conhecimento histórico, que passou a se preocupar com o cotidiano escolar, isto é, que focou as suas preocupações nas práticas efetivadas em relação aos processos de ensino-aprendizagem, além de nas relações sociais e pedagógicas produzidas entre os diversos sujeitos diretamente envolvidos com a transmissão, com a reprodução e com a produção de saberes escolares.⁶

Nesse ambiente de costumes e hábitos - com suas atividades próprias -, vai se definindo e estreitando a “cultura de escola”, que concebemos como a relação entre escola, seus sujeitos e a sociedade. Dominique Julia (2001) significa a cultura escolar comprometendo-a aos saberes, condutas e práticas, ressaltando que se encontram ordenadas e

⁶ PINHEIRO, 2009:102.

dispostas “para finalidades que podem variar segundo as épocas” (p. 10). Alguns de seus elementos principais seriam o currículo, o corpo profissional e o espaço reservado – ou seja, o cotidiano e sua “caixa preta”⁷.

Considerações sobre Cultura Material Escolar

Na tentativa de abarcar vínculos entre esses dois conceitos base, tomamos como referência os estudos de Castro para o Maranhão Oitocentista. O autor afirma que:

*Cultura Material Escolar pode abranger uma série de elementos que constituem o universo escolar, como os objetos de leitura e escrita (lápiz, caneta, livros, etc.), materiais de limpeza (panos, vassouras, tapetes, etc), mobiliários (cadeiras, carteiras, bancos, mesas, etc.), indumentárias (fardamentos, chapéus, calçados, etc) dentre outros, os quais podem ser estudados sob perspectivas e ângulos teóricos e metodológicos diversos, inclusive sob um enfoque mais regionalizado (...)*⁸

Diante do que já investigamos sobre essa temática na Paraíba Oitocentista, em comparação com estudos realizados por pesquisadores de outras regiões sobre a mesma temporalidade, podemos arriscar a dizer que os vestígios deixados sobre c.m.e. nos documentos relativos às instituições e espaços escolares dependeram amplamente dos discursos e práticas políticas, frente às condições dos cofres imperiais e provinciais; suas formas de produção e aplicabilidade; como também sua presença ou silenciamento nas fontes pesquisadas; entre outros. Estes são alguns dos indícios de como captamos essa temática.

Diante do que temos encontrado na documentação⁹, podemos dizer que a sessão de *anúncios* que esteve presente na maioria dos jornais, foi um *locus* privilegiado para o pesquisador localizar diversas pistas sobre a materialidade de objetos escolares. Além da sessão já mencionada, também identificamos várias notícias nos relatórios de inspetores da instrução pública, nos documentos assinados pelos diretores da instrução e nos relatórios dos presidentes de província quando tratavam da instrução. Nesse sentido, trazemos a seguinte citação:

*A actual organização da instrução publica, as materias que a coustituem, o methodo de diffundil a, em vez de darem esse resultado, mostram que, em quanto certo progresso intellectual, mesmo mal encaminhado, tem movimento ascendente em algumas classes, outras jazem em deplorável estado de ignorancia. Isto leva-nos a inquietadora consequencia de que a nossa civilização é um edificio erguido na areia!
E pois cumpre reagir contra o mal, estancando lhe a fonte. A instrução é um meio indispensavel de progresso (...).Mas o que fazer?
Organizar e distribuir convenientemente o ensino. (...)*

⁷ Termo atrelado ao arcabouço teórico-metodológico de Julia (2001).

⁸ CASTRO, 2011:13

⁹ Lembramos aqui Faria Filho (1998, p.97), quando o autor afirma que: “Não se trata, porém, de avaliar o grau de criatividade do historiador ao re-produzir suas fontes, mas de enfatizar o quanto isso está mudando a pesquisa em seu processo e, é evidente, em seu resultado”.

A diversidade de leis traz como consequência a diversidade de métodos, princípios, livros, etc; - isto é, a anarquia (...)

*Alem do ensino primario cujas materias são apenas as mais rudimentares, ha o Lyceu, onde só existem aulas de instrucção litteraria. O ensino agrícola, mercantil, industrial, ou artistico nem um raio de luz pode ainda lançar sobre a nossa producção e riqueza!*¹⁰

Esta instrução como um dos princípios cruciais dos povos, percorria nas exposições como direito para a prosperidade da civilização. Sendo assim, sua ausência ou má aplicabilidade traria a desordem, a anarquia. A partir disso, nos empenhamos em investigar e explorar esse princípio fundamental - seus discursos e suas práticas -, através do campo da c.m.e, que é aqui o nosso objeto de estudo.

3. A Cultura Material Escolar nos jornais paraibanos

Considerando o contexto referente aos espaços e aos sujeitos do cotidiano escolar destacamos as evidências referentes às criações e fechamentos de cadeiras/escolas de primeiras letras; Atos de exonerações, despachos, concursos para professores; Nomeações, renúncias, licenças, aposentadorias e o reassumir de cargos; etc. Essas são algumas características que estão presentes em diversas fontes além dos jornais, como por exemplo, em obras de memorialistas e na documentação de cunho oficial. Dessa forma, diante deste quadro, podemos dizer que as notícias sobre a situação da educação ajudam a avaliar as necessidades (básicas) a que estavam submetidas o processo educacional e a c.m.e.

E antes de adentrarmos nos posicionamentos jornalísticos, citamos algumas observações interessantes sobre este veículo de comunicação¹¹. Entre elas: a presente troca de notícias/informações entre os jornais; suas ligações políticas, expresso através de propaganda ou acusações entre facções políticas; as notícias (principalmente em forma de anúncios) que se repetiam por diversas vezes¹²; a rotatividade e vida dos jornais (suas permanências ou efemeridades); a construção de uma identidade por parte dos homens que escreviam nos jornais em relação ao papel social, político e cultural da imprensa quando se auto-intitulavam como “*um poder nacional nos paizes livres*”. [A *Opinião*, 15 de Julho de 1877]

Jornal A Opinião

¹⁰ A *Regeneração*, 07 de Agosto de 1861. Relatório do Exm. Sr. Dr. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque.

¹¹ Acerca do contexto político-social, o problema da seca na década de 1870 é fortemente apresentado no discurso dos jornais e as notícias que chegavam através dos vapores e o papel da imprensa auxiliaram no caminho das informações e denúncias do que acontecia na província e no restante do Império.

¹² Esta prática de repetição encontra-se indicada através do símbolo: “***”.

Neste jornal ocorre a aparição de uma revista chamada “A Escola” (dita de educação e ensino), que no dia 1º de Novembro de 1877 demonstrava estar disponíveis as publicações dos números 39, 40 e 41. Até o momento não encontramos mais alusões a existência desta revista, como também não tivemos acesso à sua materialidade¹³.

Igualmente neste dia, *O Contemporaneo* (jornal-revista)¹⁴, é exposto e deveria estar sendo publicado a 10, 20 e 30 de cada mês. Seu valor de assinatura trimestral era de 6\$000. Sua viabilização está associada à expressão d’*Os srs. Livreiros*, que conjecturamos aqui como *locus* de/para a circulação de livros. [*A Opinião*, 11 de Novembro de 1877]

Em 24 de Junho de 1877, numa notícia da “série”¹⁵ *Instrução Popular* (denominada *Os ventos*¹⁶), é revelada em forma de assinatura a seguinte expressão: *Extrahido do compendio de Geographia Elementar do Dr. Jeronymo Sodré Pereira*¹⁷. Isso pode indicar a utilização dos conhecimentos que compunham a c.m.e. e os contatos que havia entre as províncias, concebendo a obra e seus locais de conexão (no caso a Paraíba e a Bahia).

A menção a “Instrução Popular” nos sugere ainda uma gama de entradas para se pensar a instrução através de textos/imagens/objetos que levassem as crianças ao campo do imagético, do lúdico e das deduções. Nessas notícias também temos algumas “assinaturas” no meio dos textos entendidos como versões (traduzidas), já que muitas das obras eram estrangeiras; o que nos indica algum tipo de propaganda do serviço de tradução.

Com a mesma referência da data anteriormente citada, nos é apresentado o *Internato Pernambucano* que trata da instrução primária e secundária, e para além do ensino básico, oferecia aos alunos espaços como

um theatrinho, uma banda de musica marcial, diferente jogos adaptados á idade de cada uma das classes, balanços, velocípedes, carrinhos e dous parques espaçosos e arborisados para brincos e passeios. Para a educação physica, (...) ha um lago para a natação, botes para o exercicio de remar, e um pequeno circo para gymnastica.

Observar a organização de outros estabelecimentos é importante para percebermos até onde o “modelo” estabelecido na corte ou nas províncias de influência para o Norte, como a de Pernambuco, exerceu na localidade paraibana.

¹³ Essa explicação concorre para todos os compêndios aqui citados. A visita ao Arquivo Waldemar Bispo Duarte, no setor de obras raras, nos dá a esperança de entrarmos em contato com algumas dessas obras.

¹⁴ Este que tem a redação “confiada á habeis e bem conhecidas pennas e a publicação às acreditadas officinas da Imprensa Industrial” [01 de Novembro de 1877]***

¹⁵ Termo utilizado para expressar a presença frequente do título da notícia.

¹⁶ Outros temas trazidos nesta *série* são: O Capital/Gelos Polares/O ponto mais norte/A Miragem/As bebidas/A Terra (assinatura: M. C.)/Planetas/Força e materia (pelo Dr. Luiz Buchner – tradução para o Diario)/Eclipses/Os vulcões/A alma e a sciencia/O trovão/A agua/O ar/Fabrico do papel/O fluxo e refluxo do mar/Applicação do ar rarefeito/Modo de distinguir as estrellas dos planetas/etc.

¹⁷ “Distincto liberal bahiano, o illustrado professor da Faculdade de Medicina e do Lyceo” [31 de Maio de 1877]

Em 17 de Maio de 1877, podemos observar através dos estatutos dos estabelecimentos (da mesma instituição referida acima) as condições materiais dos alunos e dos espaços escolares, mirando-se na lista¹⁸ que o discente deveria trazer para a sua matrícula. O Internato Pernambucano afirma que o método de ensino¹⁹ varia de acordo com a faixa etária do estudante e a “vontade de seu pai”. Compreendemos assim a participação do externo atuando de forma considerável sobre o cotidiano escolar. Daí surge a questão: Os estatutos das instituições, também podem ser considerados como parte da c.m.e.? Com esta indagação, nos vem o reconhecimento de Pesez (1978, p. 120), que nos alega: “Talvez o facto de a história da cultura material estar ainda a coligir os seus materiais e de não se prestar facilmente à teorização”.

Jornal A Imprensa

Em 14 de Maio de 1858, encontramos uma notícia de Recife acerca de um concurso na Faculdade de Direito. E o que nos chama atenção é a existência de uma *Livraria acadêmica dos srs. Miranda & Vasconcellos*, onde na mesma, afirma a notícia, se deixou disponível para o recebimento de trabalhos ou *theses impressas para este concurso*. Aos poucos, as investigações vão tomando forma acerca do conhecimento e a expansão das redes de contato entre as obras paraibanas e vindas de outros locais.

Jornal A Regeneração

Sobre o Collegio de Meninas de Nossa Senhora das Neves “dedicado à instrução das meninas oriundas de famílias ricas”²⁰ em 1861, teve seus móveis repassados para outras instituições de repartição da instrução pública e para o Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Objetos esses que foram arrolados como: cadeiras, sofá, relógios, bancos e objetos de cozinha²¹.

¹⁸ Alguns exemplos são: camisas, camisólas, uniformes de brim pardo, composto de jaquetão, collete e calça, idem de brim branco, ceroulas, meias, toalhas (de rosto e de banho), lenços, lençóis de linho, cobertas de chita, colchas, cobertores de algodão, sacco para guardar as roupas sujas, travesseiro, fronhas, sandalhas, botinas ou sapatões de vaqueta, uniforme, etc.

¹⁹ Na Paraíba Oitocentista, encontramos o método mútuo ou Lancasteriano como o mais indicado. Contudo, constatamos referência acerca do método intuitivo no Regulamento do Externato Normal da Província da Paraíba, de 14 de Janeiro de 1886 - Lei nº 633 – (26 de Julho de 1876). Disponível em PINHEIRO e CURY, 2004.

²⁰ PINHEIRO; CURY; ANANIAS; 2010:246.

²¹ Notícia de 15 de Junho de 1861, período no qual estava, segundo o jornal, *suspense*, o Colégio de Nossa Senhora das Neves.

Em 07 de Agosto de 1861, encontramos a seguinte notícia:

Ao director da Instrucção publica. – Em satisfação ao pedido constante de seu officio n. 157 de 24 deste mez, autoriso a Vmc. A mandar fornecer á aula de instrucção publica da Villa de Bananeiras um livro em branco, quatro bancos, e uma cadeira de palinha; devendo essa despeza ser paga em vista de conta que me apresentará, nunca excedente a quantia mencionada em outro seu officio, de hontem (...). (grifos nosso).²²

Uma cadeira de encosto e uma mesa foram dispensadas para esta cadeira de primeiras letras também, que vieram do já citado Collegio de Meninas de N. S. das Neves. Acentuamos aqui a nossa preocupação com as quantias deslocadas e os movimentos de repasse destes materiais. Assim podemos nos perguntar se esse repasse de materiais era uma prática frequente ou se dependeria dos recursos.

No relatório do Exm. Sr. Dr. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (Diretor da Instrução Pública) ainda estavam previstas multas aos pais, tutores e/ou curadores que tirem o direito da educação primária dos “seus subordinados”. O material é descrito como em estado de:

(...) desagradavel quadro. Nem um ha na Provincia convenientemente montada: casas, utensílios, objectos propios da disciplina e regimen escolar, tudo é incompleto e muito abaixo do strictamente necessário (...) edificios sem espaço, e até prejudiciaes à saúde (...). Pela deficiencia de informações não foi possível organizar um quadro demonstrativo dos objectos existentes nas aulas. (...) Os Parochos serão obrigados a visitar as aulas (...) representando aos commissarios sobre quaesquer necessidades d’aquellas. Os presidentes das Camaras Municipaes, ou qualquer vereador por ellas designado, terão igual obrigação relativamente as aulas dos respectivos municípios, versando a sua inspecção especialmente sobre as casas e o material das aulas (...)²³

Assim, em meados do século dezenove, a cultura material escolar, em nosso entendimento, vai se configurando e apresentando as dificuldades relativas à aquisição de artefatos escolares e estabelecimento de espaços destinados às aulas, principalmente, de primeiras letras. Os relatórios são exemplos que “revelam” a situação do cotidiano escolar, mesmo frente às tímidas, pobres ou incompletas descrições de cada inspetor ou diretor responsável pelo mesmo.

Não deixarei este ramo de instrucção publica sem fazer sentir o deplorável stado em que se achão as escolas, pelo que diz respeito ao material. Segundo sou informado, faz lastima entrar em qualquer d’essas escolas pelo interior da província. Privadas de todo o necessario, despida de menor asseio, e decoraçãõ, em nenhuma d’ellas se vê cousa alguma que possa nem de leve fallar a intelligencia, e a imaginaçãõ das creanças. Nada absolutamente se encontra n’ellas que ateste a

²² A *Regeneração*, 07 de Agosto de 1861.

²³ A *Regeneração*, 04 de Setembro de 1861

*existencia de uma casa de educação. Algumas nem mesmo estão providas de todos os assentos necessarios para os alumnos. (...)*²⁴

Além do que estavam indicados como as péssimas condições materiais, chama-se atenção para os ideais higienistas que se propagaram ao longo do século XIX. Os cuidados com a saúde começam a se tornar mais frequentes, o que pode ser apreendido com a criação de cadeiras relacionadas ao corpo físico e às práticas de limpeza pessoal.

Assinado por Antonio Thomaz Carneiro da Cunha, um anúncio intitulado *Botica Imperial* divulga para venda os seguintes livros²⁵:

Judeu errante; Grammatica latina novo methodo (do Padre Antonio Pereira); História do Imperador Caslos Magno ou dos dozes pares D. França; Thesouro de meninos; Thesouro da mocidade; Manual epistolar para ensinar a fazer cartas; Novissimo secretario portuguez; Manoal do christão devoto; Immitação de Christo; Código de bom tom; Jogos de sortes; Seleta franceza; Sintaxe de Dantas; Cornelio em Latim; Virgilio em Latim; Viagem de Guliver; Lusíadas de Camões; Economia da vida humana; Livro dos Meninos; Os Peccados mortaes; Cartilhas; Cartas de silabas; Taboadas; Traslados; Pautas; Dicionario Juridico (de Pereira Souza); Galeria das ordens Religiosas; Biblia Sagrada; Manual enciclopedico²⁶; Architetura de vinhola, Arithmetica de Bezout; entre outros.

Há, logo após a escrita do nome das obras, algumas descrições como: “com estampas (coloridas)”, “obra interessante”, “em formato pequeno para os meninos”, “obra muito util”. O período de publicação da notícia é bastante elucidativo, explico, trata-se do mês de dezembro, o que nos levar a supor que esse deveria ser parte da época do ano destinada às compras de materiais para a educação. Os livros citados nos confirmam a forte presença da Igreja no processo educacional.

Interessante também é notar os “assuntos” para os concursos, tendo em vista que se facultava a ideia do material que deveria estar preparado ou procurado para o estudo do mesmo. Apresentamos aqui a percepção de que, através dos temas destinados para o concurso, deveriam existir assim materiais preparados para a exploração dos mesmos, como os livros e compêndios.

Jornal A União Liberal

Em 21 de Fevereiro de 1879***, a *Livraria Economica* de Manoel Ezequiel Pompeu d’Oliveira - localizada na Rua Conde d’Eu N. 56 -, oferece diversos artigos, tais como: livros em portuguez, Francez e Inglez; Litteratura, Viagens, Romances, Poezias; manuais de missa e

²⁴ *A Regeneração*, 16 de Novembro de 1861. Relatório do Director interino da instrucção publica Manoel Porfirio Aranha.

²⁵ *A Regeneração*, 07 de Dezembro de 1861.

²⁶ Indicado para o ensino de primeiras letras.

confissão (em capa de veludo, metal branco e dourado); etc. E “tudo quanto diz respeito á EDUCAÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA” e as especificidades como materiais de escriptorio, muzica, dezenho e pappellaria: papel inglez e francez/de seda/de cor/de muzica; envelopes; peças e methods para pianno e flauta; livros em branco; tintas; tinteiros; prensas; regoas; lapes; esfuminhos, tira-linhas, estojos, compassos, canivetes thezouras; frascos com colla; pezos para papel; entre outros.

Esses espaços de circulação são bastante importantes, pois podemos observar uma espécie de sistema de comercialização, analisando quando possível, os movimentos de compra e aplicação destes materiais nos espaços escolares e suas conexões interprovinciais.

Jornal Arauto Parahybano

Em notícia datada em 12 de Junho de 1888, o seguinte jornal expõe:

Difficilima é a quadra que vamos atravessar; difficilima, porque se o paiz se abalança a emprehender grandes melhoramentos, recua ante a escassez dos meios para realisal-os, meios que só nos poderia fornecer uma solida educação, e a nossa é a pior possível.

Não se julgue que fallamos d'essa educação que começa pelo a b c e termina na decoraçãõ forçada de umas tantas e exdrixulas definições grammaticaes, não; a educação de que necessitamos é a que consiste na formação do character, no desenvolvimento das faculdades do cidadão, no estímulo do amor da patria e dos nobres sentimentos que o tornam util a aggremação moral a que dão o nome sociedade.

(...) Urge reformar o ensino publico, e reformal-o pela base, expurgando-o dos vicios orgânicos e preparando bons professores (...).

Essa educação que o jornal expõe inicialmente não ser a considerada “oficial” acaba por se despontar no ensino oferecido por essa mesma via. Caso os alunos estivessem aprendendo, seja nas escolas, aulas particulares, igrejas ou em suas casas, a figura do professor (lente, padre, pais ou responsáveis²⁷), deveria estar bem planejada, e com um ensino reformado para que pudesse incluir a diversidade da cidadania, frente ao novo “paiz sem escravos”. Sendo assim, podemos refletir e dialogar como os fatos de circunscrição política estavam presentes nas discussões de âmbito educacional.

Em 27 de Maio de 1888, numa republicação do *Suisse Times* se faz referência às escolas na China, onde “encontram-se pelas ruas crianças que, levando grande numero de livros debaixo do braço, se dirigem para a escola. Todos os livros, pedras e demais objectos necessarios ao ensino são levados dentro de uma pasta de panno azul”. A notícia finaliza com o desejo de se aplicarem a essas crianças - supomos as da Paraíba -, o mesmo tratamento dado

²⁷ Na leitura *d'A Casa e seus mestres*, de Vasconcelos (2005), é possível encontrar a figura das preceptoras. Todavia até agora não encontramos nenhuma referência a esta categoria.

às crianças orientais, ou seja, os melhores ensinamentos, onde eles poderiam ler e aprender desde os primeiros dias as obras de Platão, Goethe ou Milton. A sugestiva publicação desta matéria na província local supõe a participação crítica dos jornais frente à trajetória descrita como “*mal encaminhada, à passo de tartaruga*”, sem preparo ou condições que se encontrava a educação paraibana.

4. Considerações Finais

Em suma, a finalidade deste trabalho, ainda em processo de continuidade, revela-se como uma melhor apreensão de como a cultura material escolar se apresentava por meio dos discursos (avaliados na documentação já apresentada), em seus planos teóricos e práticos, ou seja, leituras avaliativas do *lócus* da Cultura Material Escolar do, no e para o cotidiano escolar e seus diálogos com a sociedade.

5. Referências

- BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. In: **Cultura Escolar, Migrações e Cidadania**. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.
- CASTRO, César Augusto. Os usos e as tipologias dos materiais escolares no Maranhão Oitocentista. In: **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste**. CASTRO, César Augusto; CURY, Cláudia Engler; LOPES, Antônio de P. C; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; (orgs). São Luís: EDUFMA: UFPB: Café&Lápis, 2011.
- CASTRO, Cesar Augusto. **Leitura, Impressos e Cultura Escolar**. São Luís: EDUFMA, 2010.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. In: **Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista**. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org.) Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura Escolar: da Migração do Conceito à sua objectivação Histórica. In: **Cultura Escolar, Migrações e Cidadania**. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

FERRONATO, Cristiano de Jesus. **Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instrução secundária na Província da Parahyba do Norte (1836-1884).**

(Tese de doutorado). João Pessoa: PPGE-UFPB, 2012.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico.** Tradução de Gizele de Souza. revista brasileira de história da educação n°1 jan./jun. 2001. Disponível em: rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/273/281. Acesso 08/03/2013.

LIMA, Gláriston dos Santos. **Representações sobre a cultura material escolar nas escolas de primeiras letras na província do Sergipe a partir dos relatórios de Inspectores gerais de aulas.** Disponível em: < www.faced.ufu.br/colubhe06/an. > Acesso em: 10 dez. 2012.

MENEZES, Maria Cristina. Descrever os documentos – construir o inventário – preservar a cultura material escolar. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** V. 11. N. 1 (25). Ed. Autores Associados, SP. Campinas, 2001.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: **História Nova.** LE GOFF, Jacques. CHARTIER, Roger. REVEL, Jacques. (orgs.) tradução Eduardo Brandão. 5ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Tradução de Maria Helena Arinto. Rosa Esteves. © Retz – C. E. P. L. Paris, 1978.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. CURY, Cláudia Engler. **Coleção Documentos da Educação Brasileira** [recurso eletrônico]. – Dados eletrônicos. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. CURY, Cláudia Engler. ANANIAS, Mauricéia. **As Primeiras Letras e a Instrução Secundária na Província da Parahyba do Norte: ordenamentos e a construção da nação: 1836-1884.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.37, p. 238-25. 2, mar.2010.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Instrução e cultura escolar: considerações sobre cultura educacional no oitocentos. In: **Múltiplas visões: cultura histórica no Oitocentos.** CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja Cordeiro. (orgs). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.

SANFELICE, José Luís. História das Instituições Escolares. In: **Instituições escolares no Brasil: conceitos e reconstrução histórica.** MOURA NASCIMENTO, Maria Isabel. (org.) Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, OR: UEPG, 2007. – (Coleção memória da educação)

SOUZA, Thiago Oliveira de. **A Instrução Paraibana contada através dos impressos jornalísticos do século XIX (1858-1889)**. Monografia. João Pessoa: UFPB. 2010.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cultura Material Escolar no século XIX em Minas Gerais**. Disponível em: < www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/040_cyntia.pdf >. Acesso em: 15 dez. 2012.